



## Rezar é bom: traços da educação católica

*Marilia Claret Geraes Duran*

Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado  
Universidade Metodista de São Paulo (UMESP).

[marilia.claret@terra.com.br](mailto:marilia.claret@terra.com.br)

**C**adernos guardados, portadores que são de marcas identitárias, compõem a narrativa do ensino que ocorria numa instituição escolar católica dos anos 1950 e permitem uma leitura do ambiente histórico social da época, das relações com personagens que interagem com ele. Cadernos do primeiro ano do então chamado “Curso Primário”, guardados pela autora ao longo de meio século, numa simples caixa de papelão, permitiram recuperar fragmentos do trabalho que se desenvolvia, no campo da alfabetização, num tradicional Colégio de São Paulo que completou seu centenário em novembro de 2007 – o Colégio de Santa Inês. Lendo e relendo páginas de cadernos escolares, analisando seus conteúdos a partir dos seus registros, faço uma discussão, num contexto autobiográfico, de diferentes vozes e manifestações impressas em suas páginas, num quadro de referências que permitiu entender, na perspectiva do presente, determinadas práticas escolares de colégios católicos nas primeiras décadas do século XX.

## 1. O Cenário: Colégio de Santa Inês

Lembro-me do Colégio de Santa Inês, na década de 1950, onde cursei o chamado “Primário”. Instituição religiosa clássica, dentro do melhor ensino religioso católico, teve evidente influência na minha constituição como mulher, como mulher católica. O período dos anos 1950 foi de grandes transformações – os chamados “anos dourados”, um período difícil e ao mesmo tempo “áureo” para o Brasil. Até por conta de acontecimentos políticos internacionais: o mundo acabava de sair da 2ª Guerra Mundial, o que não deixava de trazer uma sensação de alívio geral e, embora a guerra tenha trazido dor, desolação, acabou também por favorecer o desenvolvimento da indústria nacional, como salienta Maria Luiza S. Ribeiro (1982).



Fachada do Colégio Santa Inês

De fato, foi a partir de 1930 que o ensino expandiu-se fortemente, considerando a importante demanda social por educação, resultado de dois fatores: crescimento demográfico e intensificação do processo de urbanização. E neste momento da educação brasileira, registram-se traços evidentes do inevitável choque entre a tradição e as novas exigências educacionais da sociedade brasileira que, como nos ensina Romanelli (1983) foram características das várias crises por que passou nosso sistema escolar.

E é importante também salientar que, nas décadas de 1940 e 1950, com o crescimento da população de 7 a 12 anos no Brasil, ocorre a expansão do ensino primário registrando-se a inclusão de crianças com 12 anos e mais como consequência tanto do atraso na procura de escolas, por parte da população que inicia o curso primário com mais de 7 anos, como também pelo alto índice de reprovação que retém na escola boa parte da população além da idade própria, como observa a autora.

Ainda no sentido de evidenciar um pouco do clima político da época, é importante lembrar que a partir da década de 1930, o projeto desenvolvimentista e nacionalista de Getúlio Vargas influencia a Igreja no sentido de valorização da identidade cultural brasileira. A Igreja expande sua base social para além das elites, abrindo-se para as camadas médias e populares. A Constituição de 1934 selou uma aproximação entre Igreja Católica e o Estado brasileiro após a ruptura ocorrida



com a Proclamação da República e a decretação da separação Igreja-Estado em 1891. O Brasil presenciava a ascensão de um estado autoritário e de uma igreja que finalmente recuperava acesso ao poder após 40 anos de uma república laica, com ares positivistas.

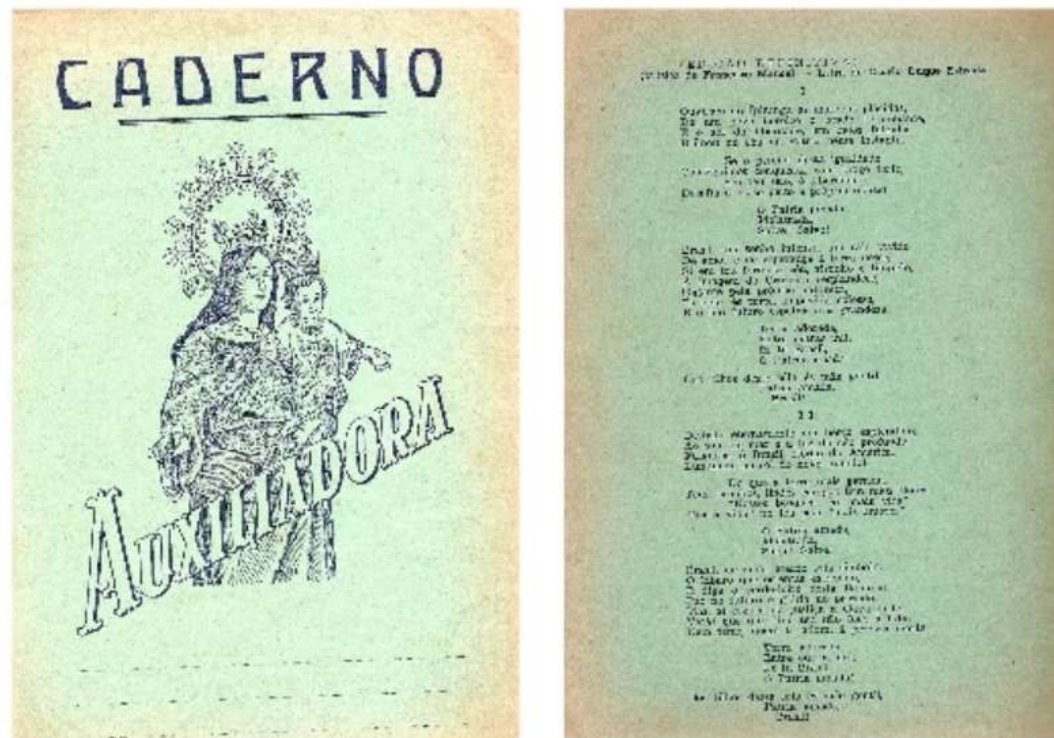
O tema do ensino religioso voltou a disputar espaço em torno dos projetos para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que ocuparam a década de 1950, com a Igreja Católica se colocando contrária aos defensores da Escola Nova. Ou seja, apesar de a República brasileira ter em sua origem um fundamento secular, a ação realizada pela Igreja Católica, no decorrer dos anos, se mostrou eficiente para que os desejos por ela almejados fossem sendo concretizados, especialmente no que se refere ao ensino religioso.

Achei importante recuperar um pouco do contexto de disputas entre a laicidade do ensino proclamada pelo Regime Republicano e os interesses privatistas, em especial os interesses da Igreja Católica, considerando sua atuação dominante através dos colégios católicos e que formavam o contingente maior dos estabelecimentos da rede de ensino, durante a 1ª República, com vistas à educação das elites, mas não só.

## **2. O Caderno de Alfabetização**

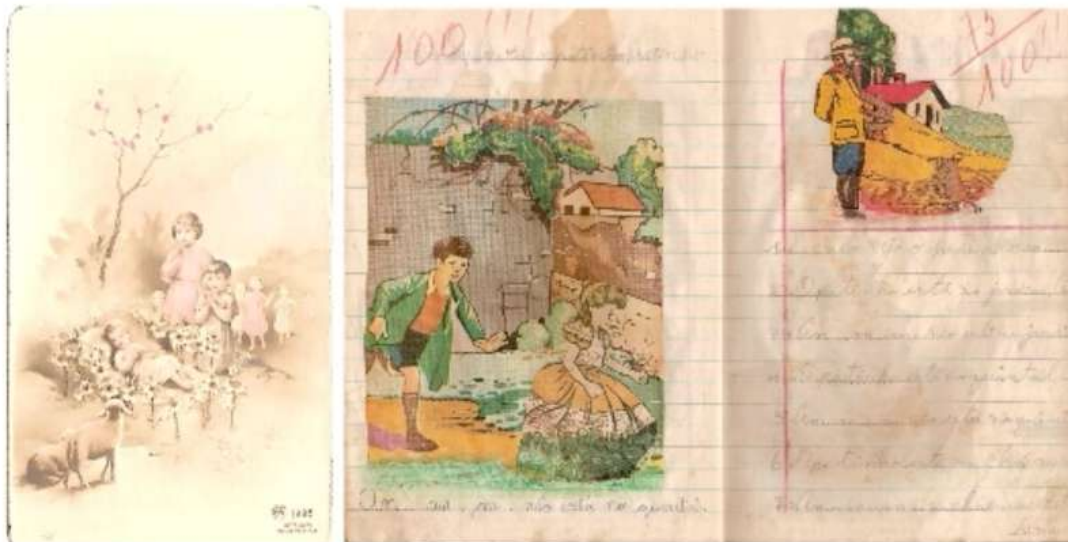
O Caderno de Alfabetização, que organizei com a ajuda de minha mãe, em 1950, durante o 1º ano primário, no Colégio de Santa Inês, testemunha os primeiros movimentos de construção da

Cartilha “Onde está o patinho?”, cuja primeira edição, pela Editora Melhoramentos, é de 1955 e autoria de Cecília Bueno dos Reis Amoroso. É um caderno brochura, com bordas amareladas pelo tempo, com a imagem de uma Nossa Senhora que carrega o Menino Jesus. No topo, está escrito em letras maiúsculas CADERNO. No meio do corpo, em letra bordada, e organizada de forma transversal ao corpo da imagem, lê-se: “Auxiliadora”. Na contra-capa está a letra do Hino Nacional “edição definitiva”, música de Francisco Manoel, letra de Osório Duque Estrada.



Capa e contracapa do Caderno Escolar (o caderno estava encapado com papel pardo, e com o nome de sua autora).

Entre as páginas desse Caderno Escolar – dispositivo escritural de que nos fala Chartier (2002) –, numa fina folha de papel amarelecida pelo tempo, encontrei um santinho (*Made in Italy*) do “menino Jesus” adormecido, rodeado por crianças e uma ovelhinha. No verso em linda letra cursiva, uma dedicatória: *À caríssima Marília, Parabéns pelo esforço empregado em sua bela “Cartilha”! e Assina: I. Diretora.*



Santinho e Página do Caderno: Onde está o patinho?

Entre as folhas amareladas do caderno ilustrado, pode-se ler, em escrita a lápis com letra cursiva e inclinada: “Onde está o patinho, ratinho? [...] An...an...an...não está no quintal.” Está escrito também :

*Quem está na Igreja?  
 Olhem bem: é a Ceci.  
 Ceci olha para Jesus.  
 Ceci olha e diz:  
 'Jesus bonzinho,  
 Eu quero achar  
 O meu patinho.*

E mais a frente:

*Olhe o coração da Ceci  
 Jesus está no coração da Ceci.  
 Jesus está contente com Ceci.  
 Ceci é uma boa menina.*

*Jesus gosta da menina boa  
 Jesus gosta do menino bom.  
 A boa menina gosta de Jesus.  
 O bom menino gosta de Jesus.*

As páginas do Caderno de Alfabetização trazem fortemente este cenário de bricolagem entre ensinar a “ler e escrever e contar” – metáfora que preside a concepção de ensino primário nas primeiras décadas do século XX –, e o ensino religioso católico. Não apenas as páginas escritas



que testemunham esta vinculação, mas também sua capa, e as muitas das ilustrações que organizam a “cartilha ilustrada”.

Isto porque aquele era um tempo em que estava presente o movimento católico da educação, um movimento que se contrapunha, como já sinalizei, aos ideais do movimento da Escola Nova. Segundo os educadores católicos, o traço distintivo básico de sua pedagogia, com respeito ao escolanovismo, era sua orientação e subordinação às ciências especulativas (filosofia e teologia). Nessa perspectiva, “entre religião e pedagogia (existiria) um nexu incindível (...). Se a educação não pode deixar de ser religiosa, a escola leiga que, por princípio, ignora a religião, é essencialmente incapaz de educar. Tal é o *verdictum* irrecusável de toda sã pedagogia” (Padre Leonel Franca, 1931, p. 20 e 25, apud. Salem, 1982, p. 106).

É importante recuperar que nessas primeiras décadas do regime republicano brasileiro, foram muitos os debates em torno da laicização do ensino, considerando os movimentos do “entusiasmo pela educação”, que se articula na década de 1910 e no princípio dos anos 1920 em torno da proposta de difusão das escolas como uma forma de assegurar ao país um lugar entre as nações desenvolvidas; e o movimento do “otimismo pedagógico”, o qual defende não apenas a disseminação da escola, a ênfase na luta contra o analfabetismo, mas, a sua reformulação segundo um novo modelo pedagógico do qual participam importantes intelectuais como Sampaio Dória, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Fernando Azevedo, Cecília Meireles, Heitor Lira, entre



outros. Por sua vez, os católicos, a partir de óticas diferentes, contestam os postulados escolanovistas, reinterpretando-os segundo sua ótica. O Caderno de Alfabetização veicula essa espiritualidade – “a filosofia pedagógica adotada não seria apenas responsável pelas condições de ensino *stricto sensu* mas também, e especialmente, pelo tipo de sociedade (leia-se seu ‘estado moral’) construída a partir dela. Visto sob outro ângulo, mais do que instruir, a escola deveria se voltar para a educação de seu povo” (Salem, p. 105).

### **3. E a instrução? E o ba-be-bi-bo-bu? E as famílias silábicas?**

No Caderno de Alfabetização não se encontram sílabas ou letras do alfabeto: suas páginas retratam o desenvolvimento de uma história, ricamente ilustrada! Aparecem os personagens: o retrato da titia, da Zazá, da Ceci e do Nhonhô, da Ceci que é irmã do Nhonhô. E o patinho, o patinho que tem asa! O patinho que não é da Ceci, não é do Nhonhô, não é da titia.... E a titia não tem nome!!! O patinho não é da mamãe. E a pergunta que não quer calar: De quem é o patinho? E a resposta surpreendente: O patinho é da Mimi. Mimi é a pata.

Surgem novos personagens: cavalo, vaca, sapo, ratinho, galinha, gatinho. E o diálogo entre Mimi e Ceci:

*Bom dia, Mimi!  
 Eu vejo a Mimi.  
 Eu não vejo o patinho.  
 Eu não vejo o patinho.  
 Onde está o patinho, gatinho?  
 Onde está o patinho, gatinho....*

Segue a procura pelo patinho:

*An... an... an... não está no quintal.  
 An... an... an... não está no jardim.*

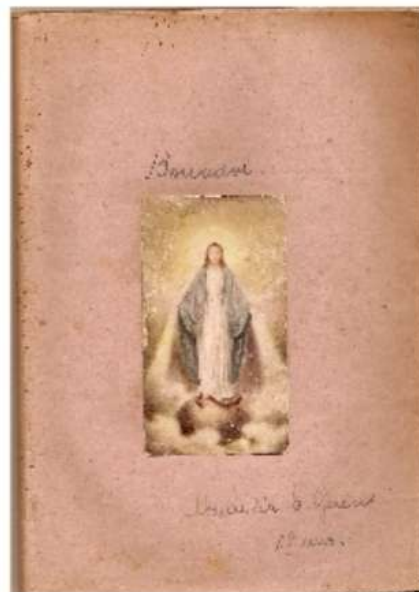
Ceci chega à Igreja:

*Dom... dom... dom...  
 Chorar não é bom.  
 Rezar é bom.*

E a pergunta que acompanha todo o desenrolar da narrativa: - *Será que Ceci vai achar o patinho?* E o silabário? Encontrei todas as lições da Cartilha Sodré<sup>1</sup>, num outro Caderno intitulado “Borrador”.

---

<sup>1</sup> 219.e. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1951. [Não foi possível localizar a editora que publicou as primeiras edições, cuja 1a. edição é de 1940. A partir da 46a. edição, de 1948, a Cartilha Sodré passou a ser publicada pela Companhia Editora Nacional. Conforme dados da editora, de 1948 até 1989, data da última edição, a 273a., foram produzidos 6.060.351 exemplares. Em 1977, ela foi remodelada por Isis Sodré Verganini. Além da alteração no formato da cartilha, foram acrescentadas mais de 30 páginas.]. Coleção: Escola Estadual Caetano de Campos - Aclimação - São Paulo, SP.



Capa do Caderno – Borrador

Nele misturam-se lições da Cartilha, os números, as tabuadas. As lições se sucedem com poucas variações e a letra cursiva vai ficando mais firme. As primeiras vinte e cinco páginas apresentam variações sobre o tema:

*A ave é de Dalila  
 Dalila vê a ave  
 Dalila dá o dedo a ave.  
 A ave voa de dia.  
 Da de di do  
 Va vo  
 La li*



Seguem-se as lições, uma primeira historinha, as sílabas, as palavras construídas. Todas as letras do alfabeto tratadas da mesma maneira. E as lições do patinho aparecem mais no final do “Borrador”, sob a forma de “ditado” ou “cópia”.

Na caixa de arquivo, encontrei também um caderno de “Contas” com folhas quadriculadas. Os problemas trazem fatos relacionados a Nhonhô e Ceci: Nhonhô foi procurar o patinho da Ceci e achou 2 ratinhos no quintal 3 gatinhos na chácara e 5 gatinhos no galinheiro. “Quantos animais Nhonhô achou 10 animais” – [...] escrito assim mesmo, sem pontuação, com maiúscula em “Nhonhô” e em “Quantos”.

Encontrei, também, uma pasta com o conjunto de “Exames Finais”, realizados em folhas de papel almaço: exames finais de “Desenho”, de “Linguagem” (ditado), “Exercícios de linguagem”, “Cópia”, “Lições de Cousas”, apresentando uma questão de Ciências, uma de Geografia , além da Prova Final de Aritmética. Dois outros instrumentos chamam a atenção: o Boletim Escolar e o Atestado de Promoção, e a foto da “Festa de Encerramento do ano letivo!”.



Capa da pasta "Meus Exames" e fotografia da Festa de encerramento do ano letivo

Entre os papéis guardados, datilografado em um quarto de papel, estava uma saudação à minha primeira professora, com os seguintes dizeres, na ortografia da época:

*Bóndosa Irmã.*

*Hoje queremos agradecer tudo o que a senhora tem feito por nós. Foi a senhora que nos fez conhecer o A B C, com toda a cartilha e os números e muitas continhas. Com a senhora aprendemos a amar Nossa Senhora e o Menino Jesus. É por isto que os nossos coraçõesinhos, hoje cheios de alegria e gratidão vem agradecer a bondosa Irmã e desejar-lhe um santo e felis Natal. Receba querida Irmã Aparecida este mimo das suas alunas e peço as minhas colegas uma calorosa salva de palmas a nossa querida Irmã Aparecida.*

Essas relíquias de um tempo distante, que resistiram ao tempo, às mudanças de espaço físico, documentam o ritual de um tempo de escola, os processos pedagógicos presentes no primeiro ano do Curso Primário de um Colégio católico que, de certa forma, concretizam um momento de transição da educação brasileira: o legado da escola tradicional deixa-se impregnar por fragmentos de propostas ditas inovadoras, as pedagogias da primeira metade do século XX – e, tudo isso, dentro de uma perspectiva afinada com a melhor educação católica. E faço essa afirmação com cautela, reconhecendo não ser possível analisar de modo homogêneo o que seria a escola tradicional – já que ela se expressou ao longo do tempo de maneira multifacetada, mas com ênfase numa crítica à pedagogia tradicional burguesa (Aranha, 2006, p.224).

## **Reflexões**

A partir da descoberta dessas relíquias, não pude deixar de retomar reflexões que me permitissem entender melhor esse clima, fortemente presente no transcorrer de meu Curso Primário, nas páginas dos cadernos, nas provas e em todo o ritual registrado nos vários “cadernos guardados”. Fica muito saliente uma determinada visão de sociedade, assentada nos parâmetros formulados pelas elites liberais de São Paulo e cuja essência estava em Deus, não na Razão. A partir da análise de “cadernos guardados” foi possível observar a intencionalidade dos processos



pedagógicos – com ares de uma Nova Escola – mas com processos formativos conservadores e coerentes com um determinado modelo de aluna que se queria formar e aluna que deveria se constituir como mais uma mulher católica, cristã, qualidades que compunham o objetivo central da educação feminina daqueles tempos.

## Referências Bibliográficas

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da Educação*. 3. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Moderna, 2006.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. São Paulo: UNESP Ed., 2002.
- RIBEIRO, Maria Luiza S. *História da educação brasileira: a organização escolar*. 3. ed. – São Paulo: Moraes, 1982.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil*. 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SALEM, Tânia. *Do centro D. Vital à Universidade Católica*. In: SCHWARTZMAN, Simon (org.) *Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro*. Brasília. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), 1982, p. 97-134.